

E como se aproxima uma era que será novamente uma era de maior espiritualidade, devemos começar a desenvolver o que não desenvolvemos em nosso atual estado de entorpecimento. Mas acima de tudo será necessário que o conhecimento, a intuição, a experiência do espírito, que pode ser obtida através da iniciação contemporânea, encontrem a estima e a reverência conquistadas pela liberdade. Sem apreciação, sem reverência e verdadeiro conhecimento, uma vida espiritual realmente não é possível. Fazemos um uso correto dessas temporadas festivas quando as empregamos para desenvolver e, em certa medida, implantar em nossas almas esse sentimento de apreciação e reverência pelo que é espiritual que evoluiu no curso da história humana; quando nos esforçamos para aprender o mais intimamente possível como e por que eventos históricos externos apontam para fatos espirituais e transportam o que é espiritual de uma era para outra. . . .

— Rudolf Steiner, palestra de 22 de abril de 1924 (GA 233a)

Por que em Pentecostes?

Desde o primeiro momento em que ouvi, nos anos 90, que o Curso Agrícola dado por Rudolf Steiner em junho de 1924 aos agricultores havia acontecido na época de Pentecostes, a pergunta acima se iluminou em mim. No período de minha vida em que vivi em comunidades Camphill Pentecostes sempre foi comemorado como a festa da chegada do Espírito Santo, e principalmente o caráter cosmopolita desta festa, em que líamos o trecho de abertura do evangelho de João em variados idiomas, assim como cantávamos canções também em muitos idiomas. Em uma ocasião tivemos 12 idiomas representados, pelo caráter justamente cosmopolita de Camphill, que recebia colaboradores de todo lado. Eu costumava dizer que Camphill é uma esquina do mundo. Então, por conta dessas vivências, meu interior estava preparado para fazer tal pergunta, pelo fato que eu já nutria um interesse, uma reverência pela data, pelo momento e pela forma em que se insere no calendário do ano, particularmente no calendário das festas cristãs.

Este pequeno artigo pretende ser uma primeira tentativa de trazer alguma luz ao tema, organizado a partir daquelas fontes que se apresentaram ao longo do tempo, proporcionadas por diferentes estudiosos pesquisadores da antroposofia e da vida. Espero com ele provocar o interesse de outros pelo tema, que venham a prosseguir na busca e ampliar nossa aproximação com os intentos e tarefas de nosso mestre Rudolf Steiner.

Ronaldo Lempek, Pentecostes, 2023 (99 anos da data)

PENTECOSTES NO NOSSO ANO

Um detalhe importante é que Pentecostes se encontra dentre aquelas festas que se movem dentro do nosso calendário gregoriano, também dito de outra forma, nosso corriqueiro calendário de todos os dias. E por que se movem? E quais festas se movem?

No Concílio de Niceia (325AD) ficou estabelecido que a Páscoa é celebrada no domingo após, ou na primeira lua cheia após o equinócio de outono no Hemisfério Sul – no Hemisfério Norte é o equinócio de primavera; a Páscoa original na Palestina ocorreu na primavera, ocasião em que a vida está em um movimento crescente, ascendente, após a ocorrência do inverno gelado, nevado, escuro, sem vida exterior...

E partindo deste marco as outras festas móveis ficam então definidas, no calendário cristão:

Carnaval, Quaresma, Domingo de Ramos, Semana Santa e Páscoa, Ascensão e Pentecostes. Essas festas então são festas ligadas a um evento do cosmo, e não um evento da terra. Na realidade um evento da interação da terra com o cosmo e a lua cheia. Então Pentecostes se move no calendário, relacionando-se com fenômenos do cosmo, com um ritmo do cosmo. É uma festa cósmica.

Ao relacionar este fato com a realização do curso agrícola em Pentecostes, em 1924, meu interesse na relação entre os dois eventos foi ativado. Afinal, a atividade agrícola é totalmente ligada ao cosmo. A planta se coloca sobre a terra totalmente exposta a tudo que chega a ela vindo do cosmo próximo e distante. Sempre estive atento, vivendo com a pergunta – Por que em Pentecostes? – tentando encontrar aqui e ali indicações que levassem a um esclarecimento, um nexos.

Recordar do Espírito

O povo hebreu era um povo dedicado à agricultura. Em sua relação com a natureza, conhecemos inúmeras passagens na Bíblia onde são descritas situações ligadas à produção agrícola, à falta de chuvas, a pragas que afetam a produção agrícola, etc. Tradicionalmente o *Shavuot* (*Semanas* em hebraico) era um evento em que os agricultores traziam as primeiras espigas de seu cultivo, as primícias, como oferenda no Templo, em Jerusalém.

Na mesma ocasião/data também era celebrada a entrega das tábuas da lei a Moisés por Jeová, a lei que veio de cima, os Dez Mandamentos. Na verdade era um conjunto de regras trazido de fora para a educação do povo judeu, mas realmente se propagou para toda a humanidade. Esses preceitos estão em parte inseridos nos códigos legais que norteiam grande parte das sociedades antigas e contemporâneas.

Encontramos na Internet:

"Precisamente 50 dias após o Domingo das 'Primícias' (Páscoa, o domingo logo após o Pessach) os judeus celebravam o Pentecostes ('Penta' que significa 50. Era também chamada de Festa das Semanas uma vez que ela era contada em sete semanas). Os judeus vinham celebrando Pentecostes por 1300 anos na época em que o Pentecostes de Atos 2 aconteceu. O motivo pelo qual havia pessoas 'de todas as partes do mundo' no dia de Pentecostes em Jerusalém para ouvir a mensagem de Pedro foi justamente porque esperava-se que aquelas pessoas comemorassem o Pentecostes do Antigo Testamento. Ainda hoje os judeus comemoram o Pentecostes, mas eles chamam esta festa de Shavuot."

Shavuot (do hebraico: שבועות, "[sete] semanas", também conhecida como Festa das Colheitas ou Festa das Primícias) é a festa judaica celebrada no quinquagésimo dia do Sefirat Hômer. Devido a esta contagem, a festa é também chamada de Pentecostes.

Em Levítico 24:15 está escrito: "Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida: sete semanas inteiras serão."

O caráter festivo mais antigo de Shavuot é o de festa rural

No mês de Sivan (pelo calendário judaico) terminava a colheita de cereais e assim, dos próprios produtos que puderam ser extraídos do solo eram separadas as primícias como oferendas. Nenhum cereal da nova colheita podia ser utilizado antes de 6 de Sivan (calendário judaico), data

em que esse sacrifício se tornava efetivo. Por isso Shavuot se chama também *Chag HaBicurím*, festa das primícias (primeiras colheitas).

Nos tempos do Templo de Jerusalém, Shavuot assim como Pessach e Sucot se caracterizavam pelas peregrinações dos filhos de Israel. Grandes grupos de agricultores afluíam de todas as províncias, e o país adquiria um aspecto animado e pitoresco.

Os peregrinos marchavam para Jerusalém, acompanhados durante todo o trajeto pelos alegres sons das flautas. Em cestos decorados com fitas e flores, cada qual conduzia sua oferta: Os primeiros frutos do trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras, produtos que davam renome ao solo da Terra de Israel.

Chegados à Jerusalém eram acolhidos com cânticos de boas-vindas e entravam no Templo, onde faziam a entrega de seus cestos de ofertas ao cohen. A cerimônia se completava com hinos, toques de harpas e outros instrumentos musicais. Daí evoluiu para uma festa doméstica, com grande fartura de alimentos, com o intuito de comemorar uma boa colheita.

O Shavuot, segundo o movimento rabínico também celebra a revelação da Torá ao povo de Israel, por volta de 1300 a.C. Nessa época ocorreu a libertação dos filhos de Israel do Egito.

Tal momento no ano era um verdadeiro Festival da Primavera. Os povos do hemisfério norte sempre saudaram a chegada da primavera jubilosamente, com o trazer de vida nova após atravessar um inverno de frio, neve, gelo, trevas, recolhimento. A vida que brotava da terra em novos frutos, trazidos pela nova estação era levada ao templo, como dádiva e celebração de júbilo por essa vida.

Refletir do Espírito

O ESPÍRITO SANTO ANUNCIADO PELO CRISTO

João, 14, 26: Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.

João 16, 13; Mas quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.

PENTECOSTES, ANO 33

O Cristo ressignifica duas comemorações. À antiga festa das primícias se coloca o evento, agora, em Pentecostes, da chegada do Espírito Santo. É a celebração do que cada ser humano pode revelar de si como luz, como sua própria chama, como a sua própria colheita, agora no seu interior. A luz que cada um de nós pode ver manifestar-se no outro à sua frente, nesse sentido torna-se uma festa da comunidade humana, onde eu posso ver a luz que irradia do outro, e posso desenvolver, mas não posso ver, minha própria luz. Agora é a oportunidade, a partir do impulso dado pelo Cristo para cada ser humano ofertar as suas primícias, na sua própria relação individual com o mundo do espírito. Na renovação da data que comemorava as Tábuas da Lei, da chegada daquelas orientações que vinham de cima, o Cristo contrapõe o momento do início, da possibilidade da manifestação do Eu individual, agora não mais a lei que vem de cima, mas a igreja no interior de cada ser humano, na sua relação individual com o Divino. A liberdade de cada um.

Da Bíblia

Versículos de Atos dos Apóstolos, 2

O Espírito Santo desce em Pentecostes

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos num só lugar.

De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados.

E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles.

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus, vindos de todas as nações do mundo.

Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua.

Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: "Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando?"

Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?

Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!"

Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: "Que significa isto?"

Alguns outros, todavia, zombavam e diziam: "Eles beberam vinho demais".

.....



Pentecostes - Jan Joest van Calcar ★Alemanha, 1450; † Holanda, 1519.

Em seu livro *Ascensão e Pentecostes* (pg. 52 et seq) Peter Selg comenta: Rudolf Steiner descreveu o Pentecostes como a *consumação* do Mistério do Gólgota. Sobre a Ascensão e o Pentecostes, disse em uma palestra: “Na história da evolução da humanidade as duas imagens se sucedem de tal maneira que a da Ascensão nos diz: para o corpo físico e o corpo etérico, o acontecimento no Gólgota se consumou no sentido de incluir todos os seres humanos. O indivíduo tem de tornar esse acontecimento proveitoso para si, recebendo o Espírito Santo. Desse modo, o Impulso Crístico torna-se individual para cada ser humano.” Em sua palestra de 15 de maio de 1910, proferida em Hamburgo, Steiner descreveu o Pentecostes como *festa da individualidade livre* e falou do “espírito do desenvolvimento do ser humano livre” e de uma “festa do futuro” daqueles “que sabem e reconhecem, e – permeados por ela – buscam a liberdade”, como manifestou em outro trecho. Trata-se do Impulso Crístico da liberdade, do Espírito Santo individualizado, do qual já se havia tratado na Quinta-feira Santa: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

Olhar do Espírito

RUDOLF STEINER EM KOBERWITZ

Rudolf Steiner já havia se hospedado em Koberwitz, em duas ocasiões, em 1922, por ocasião de palestras que viera dar na cidade de Breslau, ali perto. A relação da condessa Johanna Keyserlingk com Rudolf Steiner datava de 1918, quando ela teve a oportunidade de consultar com ele em Berlim em um primeiro encontro arranjado por Elisa von Moltke. Depois deste encontro muitos outros se sucederam, em diferentes situações e cidades onde Rudolf Steiner dava suas palestras. Em 1919, em uma dessas ocasiões ele sugeriu à condessa Keyserlingk que pedisse ao pai o castelo em Koberwitz para morar. Pelos arranjos familiares, a mansão estava destinada ao seu irmão, e ela acreditava que isto não seria possível, mas Rudolf Steiner insistiu. Segue trecho das memórias de Johanna Keyserlingk:

“...Eu toquei a campainha na casa dos Steiner pontualmente. Marie Steiner e Mita Waller me abriram a porta, e estavam saindo para uma prática de eurtimia.

Estas horas que eu tive com Rudolf Steiner não podem ser facilmente descritas. Rudolf Steiner também ensinava com seu corpo espiritual, e tornava palavras faladas em um evento espiritual. Rudolf Steiner me perguntou de Karl, pois eu havia dito a ele que meu pai estava ameaçando de dispensá-lo sempre que ele tomava alguma iniciativa própria. Neste dia eu reportei a ele que havíamos recebido inesperadamente uma grande soma de dinheiro que nos fazia financeiramente independentes.

Falamos então das dificuldades que Karl tinha para administrar as propriedades da família pelo fato que morávamos na cidade, e não conseguíamos uma casa no campo. Eu disse: ‘Será que desistimos, e renunciamos a morar no campo?’ Ele respondeu: ‘Por que o seu marido nunca me disse nada sobre isso quando conversamos em Berlim?’, Eu: ‘Homens não falam disso, meu marido acha que lutamos tanto por uma casa no campo, e que não é a vontade de Deus, e que devemos nos resignar.’

Rudolf Steiner: ‘Talvez seu pai venha a morrer.’

Eu: ‘Não, Doutor, ele ainda nos incomodará por décadas.’

R.S.: ‘Não, ele não morrerá imediatamente.’

Eu: ‘E talvez Karl ache que deve tratá-lo gentilmente.’

R.S. (energicamente): ‘Não! Veja desse modo: quando incomodamos alguém nessa vida, eles ficam com raiva é claro, mas então, no mundo espiritual ficam gratos por isso!’

Eu falei então de um castelo com fosso e uma torre, perto da cidade de Breslau, defronte à fábrica de açúcar, para o qual eu já havia conversado com um arquiteto com planos para alterações, e eu estava tão satisfeita (só) com isso que havia deixado de lado a ideia de possuí-lo, e a conversa voltou-se para Koberwitz. Rudolf Steiner não parava de falar sobre isso, apesar de meus argumentos contrários, e acabou dizendo: ‘Peça para ter Koberwitz!’ Eu disse que para tornar isto

impossível meu pai havia feito um acordo de seis anos com meu irmão mais velho para ele viver lá. ‘Peça Koberwitz’, insistiu Rudolf Steiner. ‘Seu pai encontrará outra casa para seu irmão ao invés dessa! É claro que pode ser que seu irmão nunca mais queira saber de você!’

Foi uma nova direção em nossa vida. Fazia quinze anos que buscávamos uma casa no campo. Meu pai temia perder sua autoridade se Karl fosse viver em meio às pessoas. Ele era um déspota que tinha o seu pequeno reino, e apesar de confiar a administração ao Karl tinha bem consciência da mente diferente do seu genro. Logo que Karl tivera apresentado o pedido ele havia ameaçado dispensá-lo.

Rudolf Steiner havia enviado uma carta ao Karl, insistindo que fosse em frente, e ele em uma manhã foi ao escritório de meu pai e voltou ao assunto calmo e confiante, falando do tempo perdido indo pra cá e pra lá da cidade para o campo e que seria muito mais fácil de administrar tudo caso vivesse na propriedade.

E tudo aconteceu de uma vez. Na próxima reunião de diretoria meu pai propôs as alterações na mansão, logo aprovadas. Mais agradável ainda era o fato que sabíamos das forças protetoras de Rudolf Steiner em torno de nós. Como previsto, meu irmão recebeu outra mansão para morar, e uma noite encontrei-o nos jardins, que passou por mim sem me cumprimentar.

(...) Agora eu sei! Rudolf Steiner possuía o poder de dissolver a maldade e transformá-la em bem!

KOBERWITZ

O enorme empreendimento açucareiro representado pelas propriedades do pai da condessa Johanna Keyserlingk configurava o que havia de avançado na moderna agricultura do início do século XX, com 120.000 hectares ocupados na produção de monocultura de beterraba, manejada convencionalmente visando alta produtividade. O conde Keyserlingk estava encarregado da administração das atividades de campo desta produção. Podemos entender então o interesse de Rudolf Steiner, efetivado com a realização do curso neste local. A nova agricultura que iria trazer a cura para o desatino humano ali representado precisava chegar à terra no próprio seio da doença, como o remédio que vem para dar um novo destino ao paciente. Era uma necessidade espiritual, algo que precisava acontecer fisicamente no planeta – não era um curso que poderia acontecer em qualquer sala que abrigasse aqueles participantes. Quatro anos depois da realização do evento de Pentecostes e do curso agrícola por Rudolf Steiner, a família de Karl e Johanna mudou-se da propriedade.

SOB A BENÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Por muito tempo o conde Karl von Keyserlingk havia tentado obter de Rudolf Steiner uma data para a realização do curso. No entanto era difícil tirar de Rudolf Steiner um compromisso, a data. Provando fazer jus ao apelido de “conde de ferro” que mais tarde recebeu do próprio Rudolf Steiner, Keyserlingk informou que enviaria um sobrinho, que não arredaria pé da proximidade de Rudolf Steiner até que este informasse a data. Não foi isto que resolveu. A um certo ponto Rudolf Steiner confirmou que iria a Koberwitz “no início de junho” para o curso. A data que Steiner chegaria em Koberwitz só foi informada em 5 de junho, um dia antes de sua chegada.

O curso dado por Rudolf Steiner na mansão de Koberwitz iniciou no sábado, 7 de junho de 1924, dia anterior ao domingo de Pentecostes. Em uma situação bem animada pela chegada dos mais de cem participantes, que chegavam de trem vindos de Breslau e por outros meios vindos de outros lugares, o conde Karl von Keyserlingk apresentou Rudolf Steiner a cada um dos participantes do curso.



Depois de ter conseguido o acordo com o pai para se alojar com a família na mansão em Koberwitz, o que aconteceu na primavera de 1920, Johanna empreendeu antes reformas que introduziram novas instalações, modificou os acessos e o entorno, com um parque, jardins e um lago, junto ao qual foi construído um chalé. Em uma pequena porta, lateral à entrada principal da mansão (foto acima, à esquerda), Johanna organizou que fossem gravadas, acima, as letras PSSR (per Spiritum Sanctum revivissimus), que as pessoas tomavam como se referindo ao empreiteiro que havia realizado a reforma. Foi por esta porta que os participantes do curso foram admitidos por Rudolf Steiner e o conde ao interior da mansão no dia 7 de junho de 1924. O Espírito da Verdade recebia aqueles que se destinavam a receber o impulso da agricultura da verdade, que se coloca perante a agricultura da ilusão.

O ESPÍRITO QUE CURA

Apesar da oposição do conde Keyserlingk a que outros participantes que não fossem agricultores estivessem no curso, admitido à última hora, o médico Ludwig Engel manifestou a vontade de mostrar seus pacientes a Rudolf Steiner, com o que este logo concordou, e deixou evidente que faria o necessário para levar isto a cabo. Segue trecho do livro de Peter Selg:

(...) Rudolf Steiner, com quem Ita Wegman havia falado (sobre Engel), viu Ludwig Engel, com seu cabelo ruivo, fora da mansão na manhã da primeira palestra agrícola, no grupo de jovens chegando de Breslau:

Nós desembarcamos na pequena estação e nos encaminhamos para a mansão. O Conde Keyserlingk estava na porta apresentando Rudolf Steiner àqueles que participariam do curso. Rudolf Steiner me viu, acenou para mim e disse: 'A Sra. Steiner está acometida de uma fraqueza nas cordas vocais e deve dar um curso de arte da fala. Você pode conseguir um pouco de Pirita 3x para mim?' Não era algo tão simples naquela época, pois os farmacêuticos não tinham estoque dos remédios dos 'Laboratórios Internacionais' – e o correio levava muito tempo. Mas eu havia justamente encomendado este remédio em Stuttgart e havia chegado naquela manhã. Como eu fiquei contente de ter uso tão prontamente! Olhando em minha direção ele continuou: 'Eu ouvi que você queria me apresentar alguns de seus pacientes, mas o Conde Keyserlingk está pondo algumas dificuldades. Bem, se o Conde não o permitir, eu simplesmente vou a você em Breslau.'

‘Não é esta a questão, Doutor,’ eu respondi. ‘o Conde Keyserlingk só quer protegê-lo para não se esgotar! Se você explicar para ele que gostaria de ver meus pacientes, estou seguro de que ele concordaria e organizaria isto!’ E é assim que a coisa aconteceu.

No final das contas, Ludwig Engel apresentou mais de 20 dos seus pacientes a Rudolf Steiner - e Steiner ficou bem satisfeito com seu trabalho médico: ‘A tarde toda, o Dr. Engel estava lá com seus pacientes. É excelente como ele trabalha inteiramente de acordo com nossas ideias. Vou contar-lhe a respeito,’ ele escreveu a Ita Wegman em 11 de junho. Os pacientes apresentados a Rudolf Steiner incluíam o próprio filho de Engel, um pequeno menino de dois anos que sofria de raquitismo. Mais tarde Ludwig Engel descreveu seu encontro terapêutico desta forma:

O tratamento que Rudolf Steiner descreveu logo levou a uma recuperação completa. Enquanto eu segurava a criança em meus braços percebi como Rudolf Steiner tocou sua cabeça com seus dedos [de Steiner]. Eu pensei que ele queria descobrir se a fontanela ainda estava aberta. Eu vi como ele fez certos sinais com sua mão na cabeça da criança e durante este tempo seu olhar voltou-se completamente para seu interior. Fiquei impressionado. Me pareceu que ele estava dando sua benção ao menino.

Esta dedicação estava dentro de Rudolf Steiner como uma necessidade. No grande evento de encerramento do ‘Festival de Pentecostes’, que aconteceu em um enorme restaurante em uma ilha em Breslau, com mais de 370 pessoas, Rudolf Steiner continuou atendendo pessoas que queriam conselhos de saúde que o levaram a um ponto de exaustão, Peter Selg assim comenta:

No restaurante na ilha do Oder, Rudolf Steiner novamente se envolveu em numerosas conversas e parecia contente e alegre. Pessoas adoentadas novamente conseguiram dirigir-se a ele: ‘Muitos vieram pedir conselho a ele, entre eles uma senhora cega, e eu ainda lembro o gesto de Rudolf Steiner como ele amorosamente apertou as mãos tateantes dela.’ O doutor Ludwig Engel todavia também escreveu mais tarde:

[...] Mas Rudolf Steiner estava visivelmente extenuado pelo tumulto. Seu cabelo caía sobre sua testa, sobre a qual podiam ser vistas gotas de suor.

Justamente antes disto eu estava tendo uma consulta com uma paciente, que tinha tido um olho removido alguns anos antes. Agora começavam a se mostrar sintomas desagradáveis no outro olho. Eu considerei sua condição tão séria que lhe disse que tentaria organizar uma curta consulta com o Dr. Steiner durante as comemorações. Eu fiz isto, e Rudolf Steiner deu a ela alguns conselhos. Entretanto, não contente com isto, a senhora pegou então um caderno de rascunho: ‘Aqui estão algumas pinturas feitas por uma médium em transe e o Dr. deveria gentilmente dar uma olhada nelas.’ Com óbvia relutância Rudolf Steiner folheou algumas páginas – ele não teve nenhum comentário a respeito e parecia estar completamente exausto. Então veio um pai ansioso e se dirigiu a mim. Seu pequeno filho tinha cistite e alta temperatura – o que Rudolf Steiner poderia indicar? Ao dizer isto ele voltou-se diretamente a Rudolf Steiner e eu ouvi este último a dizer: ‘Aplique cataplasmas quentes com...’ Por um momento o exausto Doutor não conseguia encontrar a palavra – ‘...com linhaça’.

Eu fiquei profundamente envergonhado por termos explorado Rudolf Steiner ao limite absoluto.

Aproximando-se do final do curso, a condessa, tendo percebido quanto Rudolf Steiner havia florescido em seu estado físico geral nesta semana do curso, convidou-o para ficar mais uns dias, pois estava claro que a atmosfera da fazenda tinha um efeito sanador para o mestre. A resposta dele foi negativa, pois ele já havia

assumido o compromisso de estar em Stuttgart para atender o filho do professor Flechter da escola. Peter Selg em seu livro comenta assim:

Em 13 de junho, quatro dias antes de sua partida, a condessa perguntou se ele não ficaria:

Eu perguntei ao Doutor no jantar, quando sua partida estava sendo discutida, se ele não ficaria mais um tempinho conosco, mas ele respondeu que ele devia retornar a Stuttgart: o jovem filho do Professor Flechter havia enfiado uma verruma em seu olho enquanto brincava, e o olho devia ser removido imediatamente; mas ele esperava que pudesse ser salvo, e havia aconselhado repouso absoluto. E aproveitou para acrescentar muito seriamente que ele não ia ficar em paz enquanto não tivesse visto a criança.

A criança, Nik Flechter, e seus pais, aguardavam em Stuttgart por Rudolf Steiner...

No meio do caminho Rudolf Steiner ainda parou em Jena, onde pernitoou, para visitar e participar na fundação do Lauenstein, uma iniciativa de Pedagogia Curativa recém iniciada por jovens e entusiasmados colaboradores, onde pôde ver as crianças e jovens residentes e dar indicações para a condução de seus processos.



QUEM É ESSE MISTERIOSO RUDOLF STEINER?

Johanna Keyserlingk e Elisa von Moltke mantinham de maneira bem tranquila uma relação de acesso a Rudolf Steiner. Por conta disso elas teciam comentários entre elas entre um encontro e outro, ou entre uma específica consulta e outra com o mestre. Das memórias de Joahanna Keyserlingk:

(...) A coisa que me chama a atenção como importante desses dias em Dresden (1919) é a seguinte. Como dá bem para imaginar nós frequentemente nos fazíamos a pergunta: 'Quem é este misterioso Rudolf Steiner?' A sra. von Moltke sabia que eu era clarividente e que Rudolf Steiner havia contado isto para Marie Steiner e a srta. Waller, e assim ela não podia evitar me perguntando a opinião a respeito disto. Eu disse: 'A forma exterior de Rudolf Steiner para mim é um disfarce, atrás do qual ascende uma forma espiritual de ouro brilhante.' Finalmente eu formulei isto da seguinte forma: 'Ele é o portador de uma força que o Cristo designa como "o Confortador", o qual Ele nos teria enviado para nos guiar a toda a Verdade.' A sra. Von Moltke não rejeitou este pensamento, mas respondeu que ela não podia aceitá-lo, porque Rudolf Steiner era decididamente oposto a qualquer endeusamento de sua pessoa por seus discípulos. Ele iria definitivamente rejeitá-lo. Então eu disse a ela para perguntar ao próprio Rudolf Steiner, de uma forma ou outra. Então, ela havia sido chamada para falar com ele e estava determinada a fazer a pergunta. Eu esperei por ela no hotel e ainda posso ver, conforme ela afundou na poltrona, e disse: 'Sim, ele confirmou o que você diz.'



Há 7 mil anos atrás, na Antiga Pérsia, Zaratustra, fundador daquela cultura, anunciou que o espírito solar, então chamado de Ahura Mazdao iria um dia unir-se à terra. Com isso inaugurou o mito do Messias, que um dia chegaria. Deu início a esta união, com a introdução da prática agrícola. Cortar a terra com um arado para nela entrarem os raios solares deu início ao caminho feito pelo Deus Solar para no ano 33 de nossa era consumir esta união. Desde o começo a relação do ser humano com a terra por meio da atividade agrícola teve um aspecto sagrado, impulsionado desde os Mistérios que conduziam o caminho da humanidade.

A indicação de Jeová ao povo judeu para a celebração anteriormente comentada do *Shavu'ot* é uma confirmação desse caráter sagrado, espiritual, da atividade da produção de alimentos. Celebrar Pentecostes,

comparecendo no templo, como parte de um calendário agrícola, levava à consciência do caráter sagrado pertinente ao alimento.

No Mistério do Gólgota, ano 33, o planeta recebeu a comunhão do corpo físico do Jesus, e o Filho uniu-se ao espaço etérico da Terra na quinta feira de Ascensão, passando a viver entre nós, no âmbito da vida, na obra criada pelo Deus Pai com a participação das hierarquias – o planeta. Com o impulso pentecostal, renovado em Koberwitz, 1924, por Rudolf Steiner através do modo biodinâmico de fazer agricultura, a Trindade divina – Pai, Filho e Espírito Santo - pode estar unida com a terra. Um impulso de renovação suportado por claras forças primaveris, auxiliado por todos aqueles seres humanos que, a cada ação biodinâmica, ajudam a criar no planeta um espaço onde o espírito esteja atuante em direção ao futuro da terra e dos seres humanos, a partir de um fazer que pode se expressar em todos os idiomas que o Espírito Santo lhes capacita que se expressem. Afinal, em quantos idiomas a biodinâmica se expressa hoje na terra?



Bibliografia:

A Bíblia

Halle, Judith von: And if He Has Not Been Raised....Temple Lodge 2007.

Keyserlingk, Adalbert von: The Birth of a New Agriculture. Koberwitz 1924. Temple Lodge 1999.

Keyserlingk, Johanna von: Twelve Days with Rudolf Steiner. Revised new edition. Incluída acima.

Klett, Manfred: Princípios dos Preparados Biodinâmicos de Aspersão e de Composto. ABD 2012.

Selg, Peter: Ascensão e Pentecostes, Editora Antroposófica. 2022.

Selg, Peter: Koberwitz, Pentecostes 1924 Rudolf Steiner e o Curso de Agricultura. Ed. Insular – ABD Sul 2016.

Steiner, Rudolf: GA 233a, 22.4.1924.

Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Shavuot>



Bio:

Ronaldo Lempek encontrou a antroposofia e a biodinâmica em 1978/79, em eventos relacionados ao nascimento de sua primeira filha, Nina. Em 1980 ligou-se à recém iniciada comunidade Camphill Angaiá, em Campos do Jordão-SP, que depois mudou-se para Juiz de Fora em MG. De 1987 a 1989 esteve por dois anos e meio na comunidade Camphill Milton Keynes, Inglaterra, tempo no qual pode participar no Curso de formação em agricultura biodinâmica, que se dava de forma itinerante em diversos centros com a prática da agricultura, na Inglaterra e Irlanda. Voltou para Juiz de Fora e pouco depois (1991) mudou-se para Florianópolis, dando aulas de inglês. Em 1997 mudou-se para Botucatu, onde logo ligou-se à Escola Waldorf Aitiara, e adentrou a formação de professores Waldorf. Ensinou durante 3 anos nesta escola, onde além de aulas de inglês, história e geografia iniciou uma grande horta e o ensino agrícola, que lá perdura até hoje. Deixou a escola para juntar-se ao impulso da Estância Demétria, que passava por uma transição. Ali esteve durante 8 anos, quando teve a oportunidade de assumir a produção dos preparados biodinâmicos, e seu consequente uso, que já se dava, tanto na Demétria como no Sítio Bahia. Em 2009 mudou-se novamente para Florianópolis, onde exerce desde então a atividade de tradutor, tendo ocasionalmente se ligado a uma ou outra atividade ligada à biodinâmica acontecendo no entorno, no estado de SC e RS. A biodinâmica hoje é praticada regularmente em um pequeno quintal, urbano, com variadas frutas, algumas verduras e alguns pezinhos de Valeriana e Milfolhas, com a regular produção de composto biodinâmico e a aplicação dos preparados de aspersão ao seu tempo. Permanece ligado a atividades antroposóficas em Florianópolis. (glempek@gmail.com)